

METACOGNIÇÃO: SABER E COMPREENDER AS FORMAS DE APRENDIZAGEM.

METACOGNITION: KNOWING AND UNDERSTANDING THE WAYS OF LEARNING.

¹NAGAKI, A; FREITAS, ²A; VOLTAN, B.; ³DEICHUKE, G.; ⁴LAMPARELLI, G.; ⁵MORAIS, I.;
⁶NASCIMENTO, M.; ⁷CATER, N.; ⁸OLIVEIRA, R.; ⁹MORAIS, S. ¹⁰ NAMBU, M. M.

¹⁻⁹ Discentes do Departamento de Ciências Farmacêuticas Unifio- Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos ¹⁰Docente do Departamento de Ciências Farmacêuticas Unifio- Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos

RESUMO

O conhecimento que um indivíduo possui acerca dos próprios processos cognitivos (mentais), “autorregulação”, “autoconsciência” e “sentimento do saber”, são algumas das definições que surgiram ao longo das décadas para tentar definir o termo metacognição. Termo introduzido na psicologia cognitiva por Flavell em 1971, descreve a relação entre os processos mentais da memória e a cognição. A metacognição nos permitiria uma melhor forma para absorção e compreensão que temos sobre nossos próprios pensamentos, incluindo a capacidade de monitorar, avaliar e ajustar nossas estratégias de aprendizado. A partir de uma revisão de literatura, este artigo teve como objetivo, demonstrar as diversas formas, as quais adquirimos conhecimento, e o quão importante seria para cada indivíduo se conhecer, compreendendo a metacognição relacionada a autorregulação. A busca pelo conhecimento através da metacognição, ou seja, a capacidade do ser humano promover autorregulação e autoconsciência sobre suas atividades cognitivas, inclui a capacidade de monitorar, avaliar e ajustar suas estratégias de aprendizado. Várias abordagens envolvendo processos mentais da memória e cognição, mudanças no comportamento de memória ao longo do tempo e a influência de fatores pessoais e ainda, diferentes estratégias na construção do conhecimento e na aprendizagem, parecem destacar o papel da metacognição na cognição social e no automonitoramento.

Palavras chave: Autorregulação; Autoconsciência; Autoaprendizagem.

ABSTRACT

The knowledge that an individual possesses about their own cognitive (mental) processes, "self-regulation," "self-awareness," and "feeling of knowing" are some of the definitions that have emerged over the decades in an attempt to define the term metacognition. Coined in cognitive psychology by Flavell in 1971, it describes the relationship between mental processes of memory and cognition. Metacognition allows us to have a better understanding of and absorption of our own thoughts, including the ability to monitor, evaluate, and adjust our learning strategies. Through a literature review, this article aimed to demonstrate the various ways in which we acquire knowledge and how important it is for each individual to understand themselves, by comprehending metacognition in relation to self-regulation. The pursuit of knowledge through metacognition, i.e., the ability of humans to promote self-regulation and self-awareness of their cognitive activities, includes the capacity to monitor, evaluate, and adjust their learning strategies. Various approaches involving mental processes of memory and cognition, changes in memory behavior over time, the influence of personal factors, and different strategies in knowledge construction and learning all seem to underscore the role of metacognition in social cognition and self-monitoring.

Keywords : Self-Regulation; Self-Awareness; Self-Learning.

INTRODUÇÃO

Inicialmente a metacognição era relacionada ao conhecimento do próprio indivíduo, sendo tratado como lembrança de memórias e atenção, as chamadas “meta-memória” e “meta-tenção”. A relação da metacognição com as questões cognitivas, incluindo aspectos psicológicos, envolvia o emocional, as motivações e o monitoramento, como uma forma de aprendizagem do indivíduo sobre suas atividades cognitivas (WELLMAN, 1977).

A metacognição seria a capacidade do ser humano de ter a autorregulação e autoconsciência sobre suas atividades cognitivas (FLAVELL *et al.*, 1987), surgindo como forma de estudo em 1977. Mais tarde, Tulving *et al.* (1996), cita a tese de Hart (1965), sobre o “sentimento do saber” sendo a primeira vez que tentou-se distinguir a metacognição da cognição.

Sua essência está no próprio conceito *self*, ou seja, na consciência do indivíduo sobre seus pensamentos e atos, pode ser relacionado a consciência ampliada, que se refere a capacidade do ser humano, a consciência de uma grande quantidade de informações e atividades que gera um conhecimento individual.

Segundo Illeris (2013), a aprendizagem pode ser encarada como processos alterando capacidades permanentes no indivíduo, como o amadurecimento biológico ou a evolução senil.

A metacognição nos permitiria uma melhor forma para absorção e compreensão que temos sobre nossos próprios pensamentos, incluindo a capacidade de monitorar, avaliar e ajustar nossas estratégias de aprendizado.

O objetivo do presente trabalho foi demonstrar as diversas formas, as quais adquirimos conhecimento, e o quão importante seria para cada indivíduo se conhecer, compreendendo a metacognição relacionada a autorregulação.

METODOLOGIA

A busca por referenciais teóricos nesta revisão narrativa de literatura ocorreu de forma livre, utilizando fundamentalmente a plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Virtual de Saúde Brasil (BVS) e artigos de especialistas na área de psicologia e educação, utilizando as palavras-chave: Autorregulação, autoconsciência e autoaprendizagem. O rigor metodológico não faz parte da tipologia da metodologia escolhida, no entanto, o aporte teórico da pesquisa, o justifica.

DESENVOLVIMENTO

A metacognição é um termo introduzido na psicologia cognitiva por Flavell. Ele descreve a relação entre os processos mentais da memória e a cognição. Acredita-se que o indivíduo passe por mudanças significativas em seu comportamento de memória ao longo do tempo, especialmente durante a infância, melhorando suas habilidades cognitivas e conhecimento conceitual. À medida que envelhecemos, nossa mente se torna mais experiente e pensa de maneira mais eficaz. Essas mudanças afetam o que aprendemos, como aprendemos e lembramos, além de quando devemos aprender e lembrar. Além disso, as tarefas de memória são influenciadas pela natureza específica da tarefa e pelas experiências anteriores da pessoa, assim como pelo nível de competência cognitiva. Os fatores ou variáveis referentes à pessoa, à tarefa e à estratégia e as relações estabelecidas entre essas variáveis são frutos da construção do conhecimento que o estudante tem sobre ele mesmo, que é estabelecido com a tomada de consciência das próprias variáveis, bem como pelo modo como interage e influencia a aprendizagem (FLAVELL; WELLMAN, 1975).

A variável pessoa, segundo Flavell e Wellman (1975), é concebida pelas convicções que os estudantes apresentam sobre si e em comparação com os outros, tratando-se de um fator pessoal. Pode ser entendida como a percepção do funcionamento do pensamento, no que tange ao pensar universal, ou interindividual, quando são identificadas as características pessoais que auxiliam na aprendizagem, como o estudante se relaciona com determinado conteúdo e quais são suas afinidades. E, ainda, interindividual, na comparação com as características pessoais e de seus pares. O estudante consegue reconhecer as características da cognição presentes nele próprio ou no outro e o reconhecimento de como se processam as informações na sua mente e na do outro, quando percebe que ele não consegue, mas que o outro consegue e vice-versa.

O conhecimento da variável tarefa por Flavell e Wellman (1975) está sujeito ao tipo de atividade proposta, sua abrangência e nível de exigência. Dependendo da natureza da informação e da exigência da tarefa é que o estudante vai avaliar como deve proceder para realizá-la e se vai realizá-la. Essa decisão envolve os conhecimentos de fatores pessoais que, neste momento, estão entrelaçados nas variáveis da pessoa e da tarefa, demonstrando que essas variáveis se relacionam.

Sobre os conhecimentos das estratégias, Flavell e Wellman (1975) afirmam que para desenvolvê-las o estudante precisa envolver-se intensamente com sua aprendizagem. Nesse momento, são necessárias conexões que extrapolam a metacognição e a cognição, tais como a afetividade, o lugar, o instante, o tempo disponível para a realização, a razão de realizar determinada tarefa, entre outras.

A identificação da estratégia a ser usada e a compreensão de que é necessário utilizar uma estratégia envolvem pensamento metacognitivo, que é uma reflexão sobre o processo e a estrutura necessários para ter sucesso na realização da atividade (FLAVELL; WELLMAN, 1975 *apud* CORREA; PASSOS; ARRUDA 2018). Além disso, a metacognição desempenha um papel importante na cognição social e em diferentes formas de automonitoramento. Flavell também demonstra que há evidências claras de que o pensamento metacognitivo se conecta com as áreas da teoria da aprendizagem social e da modificação do comportamento cognitivo, que estão relacionadas ao desenvolvimento da personalidade e ao aprimoramento da aprendizagem.

Por fim, reproduzindo Peterson; Baker; McGaw (2010) *apud* Correa; Passos; Arruda (2017), quando afirmam que o termo “metacognição” significa literalmente “pensar sobre o pensamento” e assumindo a metacognição como um processo em que ocorre a tomada de consciência, com monitoramento, avaliação e autorregulação da aprendizagem; que o caráter epistêmico está intrinsecamente atrelado aos processos que envolvem o conhecimento cognitivo e metacognitivo da memória, seus processos e sua relação com objetos, pessoas e locais, de forma a possibilitar ou contribuir para a ocorrência da aprendizagem de um determinado conteúdo; que a dimensão pessoal é o saber enquanto objeto de desejo, de interesse, portanto, a reflexão sobre a aprendizagem a respeito do que o sujeito gosta de aprender, de acordo com as características da sua identidade relacionadas à aprendizagem de determinado conteúdo; que os valores estabelecidos pela sociedade à qual o aprendiz pertence, tanto para se estabelecer um envolvimento com o outro, no que diz respeito a conversas, interações com professores, tutores, amigos e familiares, como também para estabelecer seu lugar na sociedade, no que se refere à escolha profissional, e todos os requisitos que esta escolha envolve, torna-se possível evidenciar percepções epistêmicas, pessoais e sociais nas relações estabelecidas com o saber.

António Damásio, um médico neurologista e neurocientista, é responsável pelo surgimento do conceito de self. Ele argumentou sobre a "biologia da mente e da

subjetividade", afirmando que a mente é responsável pelas interações do corpo e cérebro. Damásio defendia a ideia de um "eu único" que nos diferencia e particulariza, dividido em duas representações: as representações de acontecimentos-chave na autobiografia do indivíduo e a memória do próprio corpo, gerando o "self central". O contexto do "self central" constitui o conceito de "eu" ou "self", tanto pelo desenvolvimento interior como exterior do indivíduo. Damásio também descreveu dois tipos de consciência: a consciência central, relacionada à percepção do lugar, momento e eventos recentes, e a consciência biográfica, que permite distinguir a personalidade, identidade e características de outras pessoas. Além disso, Damásio identificou um local no cérebro responsável pela produção da subjetividade, denominado "meta eu". A subjetividade consiste na produção de imagens e respostas emocionais sem a necessidade de narrativa ou linguagem. Damásio concluiu que as atividades mentais são resultado das interações dos neurônios com o meio externo e que o self é a autoconvicção do indivíduo sobre seus atos e pensamentos, fundindo mente, corpo e subjetividade em uma única instância: o cérebro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pelo conhecimento através da metacognição, ou seja, a capacidade do ser humano promover autorregulação e autoconsciência sobre suas atividades cognitivas, inclui a capacidade de monitorar, avaliar e ajustar suas estratégias de aprendizado. Várias abordagens envolvendo processos mentais da memória e cognição, mudanças no comportamento de memória ao longo do tempo e a influência de fatores pessoais e ainda, diferentes estratégias na construção do conhecimento e na aprendizagem, parecem destacar o papel da metacognição na cognição social e no automonitoramento.

REFERÊNCIAS

CORREA, N. N. G; PASSOS, M. M; ARRUDA, S. M. Metacognição e as relações com o saber. **Ciência educ.**, Bauru , v. 24, n. 2, p. 517-534, jun. 2023. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151673132018000200517&lng=es&nrm=iso>. acessado em 29 de maio de 2023. .

FLAVELL, J. H. First discussant's comments: what is memory development the development of? **Human Development**, Basel, v. 14, n. 4, p. 272-278, 1971. Disponível em: <<https://doi.org/10.1159/000271221>>. Acesso em: 18 maio 2023.

FLAVELL, J. H.; WELLMAN, H. M. Metamemory. In: **Proceedings...** do ANNUAL MEETING OF THE AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 83., Chicago, 1975. Bethesda: National Institute of Child Health and Human Development, 1975. p. 1-66. Disponível em: <<https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED115405.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2023.

FLAVELL, J. H. **Speculations about the nature and development of metacognition**. Em F. E. Weinert; R. Kluwe (Orgs.), *Metacognition, motivation, and understanding* (pp. 1-16). Hillsdale, N. J.: Erlbaum. 1987.

ILLERIS, K. Uma compreensão abrangente sobre a aprendizagem humana. In: ILLERIS, R. (Org.). **Teorias contemporâneas da aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 15-30. Disponível em: https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_44.pdf . Acesso em: 16 set. 2023.

PETERSON, P.; BAKER, E.; McGAW, B. (Ed.). **International encyclopedia of education**. 3rd. ed. Oxford: Elsevier, 2010.

SILVA, Sergio Gomes da. **Para uma neurobiologia do eu: uma contribuição às teorias da subjetividade**. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rjlpf/a/rkm_dqL6Vm9R4WTgjWycM6tM. Acesso em: 29 maio 2023

TULLVING , E. F. In J. METCALFE; A. P. Shimamura (Ed.), **Metacognition. Knowing about knowing** (p. viii-x). Cambridge, MA: MIT Press. 1996.

WELLMAN, H. M. Metamemory. In: KAIL, Robert V.; HAGEN, John W. (Eds.). **Perspectives on the development of memory and cognition**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1977. p. 3-33.
» <https://doi.org/10.1159/000271221> >. Acesso em: 18 maio 2023.